



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 24, v. 1
jan.-dez. 2026
p. 36-62

Lez Girls Party: uma festa para mulheres interessadas em mulheres

(Lez Girls Party: a party for women interested in women)

(Lez Girls Party: una fiesta para mujeres interesadas en mujeres)

Viviane Rascovetzki Tesche¹
Paula Sandrine Machado²
Rafaela Vasconcelos Freitas³

RESUMO: Este artigo apresenta parte dos resultados de uma dissertação de mestrado em Psicologia Social, e tem como foco a Lez Girls Party, uma festa voltada para mulheres interessadas em mulheres, realizada entre os anos de 2010 e 2020, na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, no Brasil. A pesquisa teve por objetivo analisar as transformações ocorridas no formato do evento ao longo do tempo, bem como compreender de que modo discursos políticos e feministas que circulavam no país foram progressivamente incorporados à dinâmica da festa. Para tanto, foram mobilizadas referências bibliográficas sobre sociabilidades LGBTQIAPN+ no Brasil, em especial de mulheres lésbicas, e sobre os circuitos da vida noturna na região central da capital gaúcha. O estudo também se baseou em entrevistas semiestruturadas com frequentadoras da festa e na análise de postagens realizadas em redes sociais associadas ao evento. Os dados indicam que a Lez Girls Party operou como um espaço significativo de produção de subjetividades e de visibilidade para as lesbianidades, contribuindo para a construção de formas coletivas e politizadas de expressão e pertencimento. Ao longo dos anos, no entanto, também se evidenciaram tensões e diferenças internas à comunidade que a festa reuniu, marcada por intersecções de raça, classe, performatividades de gênero, entre outros marcadores sociais. As conclusões apontam, assim, a heterogeneidade das experiências vividas no espaço festivo, bem como a importância de registrar e valorizar memórias lésbicas, que, de outro modo, tenderiam ao apagamento histórico.

PALAVRAS-CHAVE: lesbianidades; feminismos; tensões identitárias; vida noturna; festa.

Abstract: This article presents part of the findings of a master's thesis in Social Psychology, focusing on the Lez Girls Party, a party geared toward women interested in women, held between 2010 and 2020 in Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brazil. The research aimed to analyze the transformations that occurred in the event's format over time, as well as to understand how political and feminist discourses circulating in the country were progressively incorporated into the party's dynamics. To this end, bibliographical references on LGBTQIAPN+ sociability in Brazil, especially that of lesbian women, and on the nightlife circuits in the central region of Porto Alegre, Rio Grande do Sul, were mobilized. The study was also based on semi-structured interviews with partygoers and an analysis of social media posts associated with the event. The data indicate that the Lez Girls Party operated as a significant space for the production of subjectivities and the visibility of lesbianism, contributing to the construction of collective and politicized forms of expression and belonging. Over the years, however, tensions and differences within the community that the party brought together also became evident, marked by intersections of race, class, gender performativity, and other social markers. The conclusions thus highlight the heterogeneity of experiences within the party space, as well as the importance of recording and valuing lesbian memories, which would otherwise tend to be historically erased.

Keywords: lesbianities; feminisms; identity tensions; nightlife; party.

1 Psicóloga, Psicanalista, Mestre em Psicologia Social e Institucional pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGPSI/UFRGS). Email: vivitesche@gmail.com.

2 Psicóloga, Doutora em Antropologia Social pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS), Professora Associada do Departamento de Psicologia Social e Institucional e do PPG em Psicologia Social e Institucional da UFRGS. Coordenadora Adjunta do Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX/UFRGS) e Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq – Nível C. Email: machadops@gmail.com.

3 Graduada (2011), Mestre (2014) e Doutora (2018) em Psicologia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Realizou pós-doutorado em Psicologia Social e Institucional (CAPES) na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, atuando também como professora colaboradora no PPGPSI (2018-2023). Desenvolveu pesquisas sobre gênero, sexualidades, corporalidades gordas, transidentidades e segurança pública. É Assessora I na Gerência de Relações Institucionais do Conselho Federal de Psicologia. Email: esh.rafaela@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 03/10/2024
Aceito em 21/08/2025

Resumen: Este artículo presenta parte de los hallazgos de una tesis de maestría en Psicología Social, centrada en Lez Girls Party, una fiesta dirigida a mujeres interesadas en otras mujeres, celebrada entre 2010 y 2020 en Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. La investigación tuvo como objetivo analizar las transformaciones ocurridas en el formato del evento a lo largo del tiempo, así como comprender cómo los discursos políticos y feministas que circulaban en el país se incorporaron progresivamente a la dinámica de la fiesta. Para ello, se recurrió a referencias bibliográficas sobre la sociabilidad LGBTQIAPN+ en Brasil, especialmente la de las mujeres lesbianas, y sobre los circuitos de ocio nocturno en la región central de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. El estudio también se basó en entrevistas semiestructuradas con asistentes a la fiesta y en un análisis de publicaciones en redes sociales relacionadas con el evento. Los datos indican que la Lez Girls Party funcionó como un espacio significativo para la producción de subjetividades y la visibilidad del lesbianismo, contribuyendo a la construcción de formas colectivas y politizadas de expresión y pertenencia. Sin embargo, con el paso de los años, también se hicieron evidentes las tensiones y diferencias dentro de la comunidad que la fiesta reunió, marcadas por intersecciones de raza, clase, performatividad de género y otros marcadores sociales. Por lo tanto, las conclusiones resaltan la heterogeneidad de las experiencias dentro del espacio de la fiesta, así como la importancia de registrar y valorar las memorias lésbicas, que de otro modo tenderían a ser borradas históricamente.

Palabras clave: lesbianas; feminismos; tensiones de identidad; vida nocturna; fiesta.

1 Introdução

O presente artigo parte das análises desenvolvidas em uma dissertação de mestrado em psicologia social e institucional, realizada no âmbito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). A pesquisa original investigou diversas dinâmicas políticas, culturais e subjetivas envolvendo negociações identitárias, performances de gênero e sexualidades, a partir de uma festa voltada para mulheres interessadas em mulheres, chamada Lez Girls Party – também conhecida como Lez –, que existiu na cidade de Porto Alegre, no Rio Grande do Sul (RS), durante uma década (2010-2020), sendo, portanto, localizada e datada.

Porto Alegre é a capital do estado do RS, com características urbanas e com grande circulação de pessoas do interior do estado, assim como do restante do país, em função do turismo, dos *campi* universitários e dos postos de trabalho. O estado do RS está localizado na Região Sul do Brasil, sendo o mais meridional do país. Faz fronteira com o Uruguai, com a Argentina e com o estado de Santa Catarina.

No RS, a primeira boate declaradamente *gay* – a *Flower's* – abriu suas portas em 1971, na cidade de Porto Alegre. Seus donos e frequentadores sofreram perseguições e censura por conta da ditadura militar. Entretanto, conseguiram manter as atividades até 1979 (Campos, 2022). De acordo com Dalpian e Silveira (2020, p. 385), a localização dos locais de mercado gay em Porto Alegre é difusa, não havendo “distritos gays”. Esses autores referem a zona norte da cidade como uma região em que existem estabelecimentos voltados ao sexo, como motéis, casas de *swing*, cinemas adultos, casas de prostituição e também casas noturnas LGBTQIAPN⁴. Meinerz (2005), assim como Dalpian e Silveira (2020), refere-se ao bairro Cidade Baixa como sendo um local de grande circulação de LGBTQIAPN+ nas últimas décadas. Esse é um bairro boêmio, localizado na região central da cidade, frequentado por muitos universitários.

4 Lésbicas, *Gays*, Bissexuais, Transexuais/Travestis/Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais/Arromânticos/Agênero, Pansexuais/Polissexuais/Panromânticos, Não Binárias e muito mais.



Ao longo dos dez anos em que a festa Lez Girls Party existiu, ela passou por inúmeros movimentos, locais e fases. As mudanças que ocorreram em seu formato acompanharam transformações do seu público, do contexto político da cidade, de tendências sonoras e estéticas, bem como de debates acerca de gênero e sexualidade. Neste artigo, buscaremos, mais especificamente, analisar como tais mudanças foram acontecendo e como discursos políticos e feministas passaram a ser articulados à festa ao longo do tempo de sua realização. Também objetivamos difundir o registro da existência de uma festa lésbica, que tenderia a cair no esquecimento com o passar dos anos.

Historicamente, circular no espaço público, principalmente à noite, é considerado uma experiência masculina. Dessa forma, a grande maioria das festas e produções da vida noturna costumam se constituir enquanto espaços feitos por e para homens, independentemente de suas orientações sexuais, de modo que a diversão das mulheres é tida como secundária. Já a diversão entre mulheres, em que a presença dos homens não é desejada, muitas vezes não é nem mesmo imaginada.

Nesse sentido, muitas festas – inclusive LGBTQIAPN+ – acabam não contemplando inteiramente mulheres interessadas em mulheres. Além disso, mesmo a promoção de festas voltadas para mulheres LGBTQIAPN+ não é algo comum. Tal fato já foi documentado em diversos trabalhos sobre sociabilidades lésbicas no Brasil, que constataam a dificuldade em localizar esse público, principalmente quando não se faz parte dele (Lacombe, 2010; Meinerz, 2005; Mello, 2020; Nogueira, 2005; Silva 2020; Souza, 2016). Diante disso, estudos sobre as formas de sociabilidade, festejo e celebração específicas para esse público existentes no Brasil se fazem relevantes.

2 Percurso metodológico

No que se refere aos aspectos metodológicos, a pesquisa que deu origem a este artigo teve como base uma metodologia qualitativa, composta por entrevistas semiestruturadas com produtoras e frequentadoras da Lez Girls Party, as quais aconteceram de forma *on-line*, entre maio e outubro de 2021, devido ao contexto da pandemia de covid-19. Ao total, foram entrevistadas individualmente oito mulheres cisgêneras, com idades entre 27 e 38 anos. Dessas, cinco se autoidentificaram como lésbicas e três como bissexuais. Seis delas se autodeclararam brancas, uma parda e uma negra. Todas foram convidadas para participar da pesquisa por se tratarem de frequentadoras assíduas da festa, fato que pôde ser verificado através dos registros de seus comentários e de suas presenças em fotografias no Facebook.

Também foram analisadas postagens na rede social Facebook, tanto no perfil e eventos



da festa em análise, como em alguns grupos feministas portoalegrenses que debateram sobre circunstâncias ocorridas na festa. Ao todo, foram analisados 48 eventos de edições da Lez, no período entre setembro de 2014 e março de 2020. O número de confirmadas e interessadas nesses eventos do Facebook variou entre 147, na edição de setembro de 2014, e 974, na edição de outubro de 2015. Alguns cuidados éticos foram tomados de modo a preservar a privacidade das envolvidas, como, por exemplo, a adoção de nomes fictícios⁵.

3 Festa nova na cidade: mapeando o surgimento da Lez

A primeira edição da Lez Girls Party aconteceu em 14 de maio de 2010, na casa noturna Casa do Lado, localizada no bairro Cidade Baixa, um bairro tradicionalmente boêmio e universitário, situado nas proximidades do centro de Porto Alegre. Entretanto, para entender melhor as condições que possibilitaram sua criação, é importante compreender como era a vida noturna na cidade naquele momento e onde as primeiras frequentadoras da festa estavam circulando.

A pessoa que teve a ideia inicial de produzir a festa foi uma mulher cis, heterossexual, que já produzia festas em algumas casas noturnas consideradas “alternativas” na cidade. Neste trabalho, ela receberá o nome fictício de Larissa. Para produzir a festa junto com ela, Larissa convidou uma de suas amigas que era lésbica e costumava sair bastante. Essa amiga acabou se tornando uma das principais produtoras da festa e será aqui identificada como Produtora.

Os espaços alternativos, naquela época, eram geralmente localizados na região central da cidade de Porto Alegre, principalmente nos bairros Cidade Baixa e Bom Fim. Eram frequentados por jovens “estilosos” no modo de se vestir e se comportar, que apreciavam *rock* e suas vertentes, bem como a estética *underground* ligada a esse estilo musical. Grande parte desse público era branca, de classe média e universitária.

Esse meio era frequentado por pessoas autoconsideradas ou tidas como “sem preconceitos” e, nele, as fronteiras entre homo e heterossexualidade se apresentavam menos fixas, havendo a circulação de pessoas com diferentes orientações sexuais. São locais em que as pessoas possuem um jeito de se vestir, um estilo de viver e gostos musicais considerados alternativos em relação a modelos mais tradicionais (Meinerz, 2008).

França (2007) define o público que frequenta locais com esse estilo como modernos e descolados. Meinerz (2008) refere que a preferência por espaços alternativos pressupõe determinado pertencimento social e certo nível de escolarização que se relacionam ao universo

⁵ O projeto foi avaliado e aprovado em maio de 2021, pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Psicologia, Serviço Social, Saúde e Comunicação Humana da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (CAAE: 42529221.0.0000.5334).



de valores e gostos de camadas médias. Facchini (2008), França (2007), Meinerz (2008), Mello (2020) e Silva (2020) apontam em suas pesquisas que meios alternativos costumam ser buscados por mulheres interessadas em mulheres, principalmente por serem espaços não marcados em termos de orientação sexual, diferentemente dos espaços abertamente LGBTQIAPN+.

As baladas LGBTQIAPN+ na época do surgimento da Lez costumavam ter outro tipo de público, mais periférico, menos branco, com maior presença de travestis e pessoas em desacordo com as normas de gênero e, principalmente, muitos homens interessados em homens. Naquela época, as principais baladas do circuito LGBTQIAPN+ se localizavam em regiões marginalizadas próximas ao centro da cidade, em que também existiam motéis, saunas, casas de *swing* e demais estabelecimentos voltados para o sexo.

Nas festas LGBTQIAPN+ um dos principais descontentamentos das mulheres interessadas em mulheres era a ausência de outras mulheres com quem pudessem flertar. Já nas baladas alternativas, queixavam-se que as situações de assédio por parte de homens heterossexuais eram muito frequentes e incomodativas. O desconforto em relação à presença e às atitudes dos homens heterossexuais nos espaços alternativos, inclusive, foi mencionado pela maioria das entrevistadas para a presente pesquisa, conforme pode-se observar nos seguintes relatos:

sempre foi uma coisa complicada, né, porque essas baladas não eram exclusivas, né? Enfim, ia muito hétero e... e eu acho que pra ser mulher é complicado, né? Quando tem homens hétero junto, porque... as mulheres se beijam, os caras incomodam assim... Nunca foi uma coisa que foi tranquila assim, sabe? E aí eu acho que a Lez veio muito nesse sentido, né, de tu poder curtir uma festa tranquila, sem se preocupar e tal (Juliana, mulher lésbica, 31 anos).

[...] passei por algumas situações bem ruins em relação a homens, assim, de tentar agarrar, de tentar me beijar ou coisa assim, ou agredir a menina com quem eu estivesse (Day, mulher lésbica, 31 anos).

As falas de Juliana e Day, ambas mulheres lésbicas, remetem a questões que aconteciam nas baladas alternativas quando mulheres se beijavam, evidenciando que nem sempre havia respeito por parte de alguns homens heterossexuais. Nessa época, era comum que eles pedissem para participar do beijo de duas mulheres, que olhassem de forma inconveniente para elas se beijando, ou que pedissem para que elas beijassem outra mulher para “provar” que realmente eram lésbicas, geralmente após levarem um fora. Essas coisas aconteciam principalmente quando as mulheres em questão tinham performances de gênero consideradas mais femininas e quando estavam dentro dos padrões de magreza e branquitude. Nesses casos, a possibilidade de que fossem realmente lésbicas – ou que estivessem realmente interessadas em mulheres – parecia inconcebível ou mesmo um desafio para os homens.

Conforme referem outras autoras, a fetichização dos corpos e das relações entre mulheres



provém do fato de que corpos femininos são identificados como fonte de prazer para os homens e da crença de que as relações entre mulheres são incompletas, pela ausência de um homem com pênis (Azevedo, 2020; Conegatti; Felipe, 2017; Rocha; Souza; Franco, 2021). Dessa forma, uma suposta maior aceitação das relações entre mulheres, quando comparadas às relações entre homens, ocorre, muitas vezes, pela expectativa dos homens de fazer parte da relação sexual e não pelo respeito às mulheres em questão, enquanto indivíduos. Tal expectativa parte da ideia de que uma mulher seria lésbica pela falta de experiências heterossexuais satisfatórias e que, portanto, a lesbianidade seria uma situação passageira que poderia ser modificada com uma experiência heterossexual com o homem certo, que saberia lhe dar prazer (Rocha; Souza; Franco, 2021).

Conforme Toledo e Teixeira Filho (2010, p. 731), “todas as ‘explicações’ para as lesbianidades se pautam na figura do homem, e não no autêntico desejo afetivo-sexual de uma mulher por outra”. Essas autoras exploram o estigma de que lésbicas seriam mulheres que se frustraram com homens por terem sido traídas, agredidas ou estupradas, sendo então a lesbianidade o resultado de um trauma. Também levam em conta a crença equivocada de que mulheres gordas, consideradas feias ou não femininas, seriam lésbicas por não conseguirem despertar o desejo dos homens. Nesse sentido, apontam que apenas lésbicas femininas teriam espaço na mídia, por serem agradáveis aos olhos do público masculino e afirmam que “é causa de espanto uma mulher abdicar da relação com um homem (visto como superior e complementar a ela) para estar com outra mulher” (Toledo; Teixeira Filho, 2010, p. 734). Passaria por aí a incredulidade em relação à lesbianidade de mulheres dentro dos padrões de beleza, uma vez que essas teriam condições de atraírem homens e, mesmo assim, preferirem mulheres.

Na fase inicial da Lez Girls Party, apesar das preocupações em relação à presença de homens héteros que pudessem importunar as mulheres, não havia a intenção de que ela fosse uma festa exclusiva para mulheres. Segundo Produtora, nesse período, aconteceram algumas situações em que homens heterossexuais entraram na festa e as frequentadoras se sentiram incomodadas com olhares e abordagens insistentes e demandaram que ela resolvesse a situação. Conforme conta, os homens então alegavam que não haviam feito nada, que estavam “apenas olhando”, ou reclamavam que haviam pago mais caro para entrar e que queriam “fazer valer”, no sentido de efetivamente beijar alguém para fazer jus ao valor investido. Produtora precisava então conversar com eles, explicar a proposta da festa e, às vezes, até mesmo devolver o dinheiro da entrada para que fossem embora. Toda essa função era cansativa e foi se tornando desgastante com o passar do tempo. Devido a isso, Produtora orientou a pessoa que ficava na porta a chamá-la toda vez que algum homem supostamente hétero quisesse entrar, para que pudesse ter essa conversa



com eles antes que entrassem. Diante disso, a questioneei sobre como sabiam se um homem era hétero ou não para realizar esse tipo de abordagem, ao que ela respondeu que geralmente os *gays* já chegavam com amigas e se identificando como tal. Dessa forma, a Lez atraiu mulheres que tinham a intenção de escapar desse tipo de importunação e acabou juntando em um só lugar muitas mulheres interessadas em mulheres, que puderam se enxergar, reconhecer e perceber enquanto grupo.

Na primeira vez que Day participou da Lez, ainda em 2010, ela não morava em Porto Alegre, mas ficou sabendo da existência da festa através de uma amiga que morava na cidade e que a convidou para ir. A primeira impressão que teve foi a seguinte:

eu estava com minha namorada e a gente até se olhou e falou assim 'meu deus do céu, quanta mulher!' (risos). A gente não estava acostumada a estar em espaços que teriam tantas outras mulheres que se interessavam por mulheres. E acho que foi aquele estado de estar assim abismada que o mundo sapatão era muito maior do que a gente imaginava (Day, mulher lésbica, 31 anos).

Essa primeira fase da festa, que acontecia mensalmente na Casa do Lado, durou cerca de dois anos. No final de 2012, a Lez já não era mais novidade e as edições começaram a não ficar mais tão cheias. Sobre os motivos do enfraquecimento da festa naquela época, Produtora menciona o fato de que muitas mulheres haviam “casado”, inclusive com outras mulheres que conheceram na festa, e, segundo ela, “*depois que tu casa, tu não quer, tipo, dar rolê com a mesma intensidade, sabe? A gente viu muita parte do público ficando mais em casa*”.

Além disso, ela também reflete que foi ficando cada vez mais comum expressar afeto entre mulheres em espaços públicos. Para ela, as frequentadoras foram perdendo o medo de se expor e aprendendo a se impor diante de assédios e violências lesbofóbicas, de forma que se tornou mais possível estar em outras festas e espaços com suas companheiras. “*Acho que aos poucos o público lésbico em geral da cidade foi se empoderando um pouquinho mais e talvez não tinha que estar dentro da festa pra se sentir à vontade, sabe?*”.

Essa percepção de Produtora pode estar ligada com o contexto político da época, em que questões como feminismos e pautas LGBTQIAPN+ começaram a ser debatidas em vários espaços, principalmente na internet, na mídia e nos “rolês de rua”. Muitas manifestações já estavam acontecendo nas ruas de Porto Alegre, preparando o clima para as Jornadas de Junho, que aconteceriam em 2013. Os debates sobre a ocupação do espaço público, inclusive enquanto espaços festivos, começavam a dar sinais na região central da cidade, e isso foi mudando também a relação dos jovens universitários com eventos de lazer noturno, ponto que será desenvolvido mais adiante.



Outra questão relevante para pensar o enfraquecimento da Lez nesse período foi a mudança no perfil do público que passou a frequentar a festa, uma vez que esta cresceu e se tornou conhecida também por mulheres de regiões periféricas e metropolitanas. Conforme Day:

inicialmente, o público, ele era... humm... a gente dizia que tinham meninas muito mais padrão assim, meninas brancas, magras, classe média... Tinha... acho que tinha... Rolava bastante dessas conversas por fora, de que quando começou a se popularizar mais a Lez e encher mais, as pessoas mais classe média começaram a não ir, porque diziam que estava muito povão e... gente feia... então acho que, no início, até quando eu comecei a ir, assim, eu via mais, assim, mais meninas que se encaixavam nisso, assim, de estar e tentar estar dentro desse padrão de beleza ou econômico também, e se encaixar nisso da magreza, enfim, tudo isso... E depois começou a popularizar, tipo, começou a ir tipo outros tipos de meninas de outros... que frequentavam outros espaços, assim, também, e acredito que outras festas humm... LGBT, que tinha um público não tão feminino e aí elas começaram a ir pra Lez e eram de outras classes sociais, assim, né, tipo, mais da margem também e eu acho que aí as pessoas que eram mais classe média começaram a encarar que aquilo não era um lugar bom de estar e parar de ir e aí o público foi mudando bastante, assim, nesse sentido (Day, mulher lésbica, 31 anos).

Com a diminuição de público da festa, ela deixou de ser mensal e passou a acontecer em meses alternados. Produtora afirma que ela e Larissa estavam ficando cansadas e a festa não estava dando retorno financeiro. Devido a isso, quando Larissa se mudou para outro país, Produtora decidiu parar de fazer a festa, no final de 2012, para se dedicar ao trabalho de cuidadora de idosos e ao curso técnico de enfermagem, que cursava na época.

Entretanto, no segundo semestre de 2013, duas conhecidas de Larissa se propuseram a produzir novamente a festa. Ela foi então retomada, porém com algumas mudanças, além de passar a ocorrer em outra casa noturna também localizada no bairro Cidade Baixa. Por divergências com a gerência da boate, em abril de 2014, a festa mudou novamente de local, passando a acontecer em outro local, que se localizava no mesmo bairro e voltou a ser produzida por Produtora. Entretanto, o tempo que a festa havia ficado parada e as mudanças de endereço somados ao fato de que os rolês de rua estavam em alta, resultaram em um público pequeno e produção desanimada, que cogitava, mais uma vez, encerrar a festa.

4 Protestos, feminismos e visibilidade lésbica

A primeira metade da década de 2010 foi marcada mundialmente por muitas manifestações, debates e problematizações de questões culturais e sociais, envolvendo uma maior politização da juventude. No Brasil, em 2013, a população tomou as ruas para expressar seu descontentamento, principalmente em relação ao aumento da tarifa das passagens do transporte público e à sua precarização nas grandes cidades. Essas manifestações ficaram conhecidas como as Jornadas de Junho, e ocorreram principalmente entre março e junho de 2013, em muitas cidades do país. Em Porto Alegre, multidões caminhavam por trechos específicos da região central da cidade, levando



cartazes, entoando gritos de protesto, ao mesmo tempo em que eram desproporcionalmente reprimidas pela polícia.

Entretanto, apesar de terem sido as maiores, essas não foram as primeiras mobilizações a surgirem nessa época. Elas foram precedidas por uma série de movimentações de caráter político-cultural, que possibilitaram a aproximação da população com questões políticas e sociais (Bernardo, 2021; Heck, 2015), como pode ser visto a seguir.

Em 2011, a Secretaria Municipal da Produção, Indústria e Comércio (SMIC) reduziu o horário de funcionamento, intensificou a fiscalização e fechou alguns bares e casas noturnas na Cidade Baixa, bairro tradicionalmente boêmio (Bernardo, 2021; Silva, 2013). Muitos desses bares tinham como clientela jovens de classe média e baixa que buscavam bebidas a preços acessíveis e a possibilidade de consumir o que era vendido nos bares, mesmo permanecendo nas calçadas. As medidas tomadas pela SMIC geraram “um relativo esvaziamento de espaços de sociabilidade juvenil anteriormente efervescentes” (Silva, 2013, p. 32).

Na mesma época, estavam acontecendo transformações urbanas que consistiam em várias construções de grandes empreendimentos, obras nas vias públicas, remoção de famílias de seus locais de moradia e cortes de árvores, principalmente envolvendo a preparação da Copa do Mundo pela Federação Internacional de Futebol Associado (FIFA), que aconteceria no Brasil em 2014 (Heck, 2015; Silva, 2013). Nesse contexto, foram surgindo movimentos autônomos em defesa da ocupação dos espaços públicos, da humanização das cidades, da arte urbana e do direito ao lazer noturno. Eventos passaram a ser criados na rede social Facebook por coletivos que denunciavam o que estava acontecendo, ao mesmo tempo em que convidavam as pessoas para ocuparem os espaços públicos com arte e alegria. Dessa forma, uma parte da juventude que não costumava participar de militâncias se aproximava de movimentos sociais.

Na maioria desses eventos político-culturais, as músicas que eram tocadas em pequenas rodas de violão ou executadas em caixas de som amadoras eram sambas, axés, músicas da tropicália e clássicos do Música Popular Brasileira (MPB), que compunham, juntamente com outros ritmos brasileiros, o que se popularizou nesses rolês como “brasilidades”. Muitas músicas faziam referência ou eram de artistas que haviam sido exilados pela ditadura militar (1964-1985), uma vez que a ascensão do ultraconservadorismo, que apareceria com mais força durante o governo Bolsonaro (2018-2022), já dava sinais naquela época.

Em março de 2014, surgia, em Porto Alegre, o coletivo Arruaça⁶, com a proposta de realizar

6 Coletivo Arruaça no Facebook: <https://www.facebook.com/coletivoarruaca> e no Instagram: <https://www.instagram.com/coletivoarruaca/>.



festas em espaços públicos. De acordo com Gabriel Bernardo (DJ GB), um de seus fundadores, o coletivo emergiu no bojo de outros movimentos de ocupação do espaço público, como o próprio Largo Vivo, Serenata Iluminada⁷, Tutti⁸, Geramor⁹, Tetas¹⁰, Defesa Pública da Alegre, Bloco da Laje¹¹, entre outros, e enfatiza que todos tinham “ênfase no prazer de estar na rua” (Bernardo, 2021, p. 41). Dessa forma, “estes movimentos, que consistem em espaços de sociabilidade – sobretudo da juventude –, formam uma rede chamada pelos próprios participantes de *rolê de rua*” (Bernardo, 2021 p. 73).

Uma característica comum a estes eventos, além dos seus objetivos comuns de reivindicar e realizar uma apropriação social do espaço público, é a maneira inovadora pela qual desempenham suas ações. Todos esses eventos contaram com o lúdico como linguagem de expressão pública. Através de diversas formas de manifestações artísticas e de atividades de caráter festivo, promoveram suas mobilizações, fugindo das formas tradicionais de manifestação (Silva, 2013, p. 09).

Essa nova forma de realizar encontros festivos, mais politizados, foi mudando o clima e a estética do meio alternativo universitário, que passou a sair das baladas pagas e fechadas para ocupar as ruas. O *rock* e o *indierock* foram sendo substituídos pelas brasilidades, assim como a estética que remetia à cultura londrina foi dando espaço para estéticas mais brasileiras, compondo um estilo apelidado de “tilelê”, termo a que remete Bernardo (2021, p. 41). As jaquetas de couro, os coturnos, as camisetas pretas de bandas de *rock* foram sendo, assim, substituídas por sandálias e camisas floreadas e coloridas.

Nessa onda de valorização de ritmos brasileiros, de interesse por questões políticas, de aumento de consciência de classe e raça, o *funk*, que já fazia sucesso nas periferias e começava a chegar nas grandes mídias, também passou a ganhar espaço nos meios progressistas jovens, sendo reconhecido como importante manifestação cultural periférica brasileira. Se no início dos anos 2000, criticar o funk pelas letras ou pela técnica musical era considerado sinal de intelectualidade nos meios alternativos de classe média, na metade da década de 2010 essas críticas passaram a ser apontadas como elitistas, moralistas e racistas, nesse mesmo meio.

De acordo com Bogado (2019, p. 24), em 2013, durante o período das Jornadas de Junho, o clima de otimismo era latente, uma vez que foi possível enxergar a coletividade se sobrepondo

7 Serenata Iluminada surgiu como um evento-ato em que pessoas faziam piqueniques com lanternas ou velas no Parque da Redenção, como forma de solicitar que a prefeitura iluminasse praças durante a noite, para que essas pudessem ser espaços mais seguros.

8 Tutti era um bar frequentado por cartunistas, localizado na frente da Praça dos Açorianos, a qual passou a ser frequentada pela juventude da época, por se tratar de um espaço público na área central da cidade.

9 Geramor era um conjunto de eventos festivos noturnos realizados em espaços públicos como praças, rótulas, avenidas em obras etc.

10 Tetas era a forma que a Rótula das Cuias era chamada, devido a semelhança das cuias com seios, local em que ocorriam festas de rua.

11 Bloco da Laje é um bloco de carnaval independente que surgiu através da junção de pessoas, principalmente ligadas ao teatro, que se encontravam em muitos dos rolês de rua.



à ação individual. “As marchas permitiram novas formas políticas de afeto, no sentido de afetar e ser afetado pela multidão”. É possível pensar que o afeto gerado pela noção de senso coletivo também estava presente nos rolês e nas festas de rua. Frequentar esses rolês e estar inteirado sobre os debates políticos pautados pelas manifestações criou também um estilo politizado de ser, o que passou a ser sinônimo de moderno, desconstruído e antenado.

Além das inúmeras movimentações relativas à ocupação do espaço público e ao direito ao lazer noturno, debates feministas também circulavam nesse meio dos rolês de rua, na internet e na mídia, naquela época. Em Porto Alegre, as ativistas feministas também tinham a autonomia e a horizontalidade como forma de organização e faziam uso das redes sociais para espalhar suas ideias e convocar participantes para seus eventos. O ano de 2015 foi considerado o ano da explosão da quarta¹² onda feminista no Brasil (De Cunto; Bogado, 2019), mas alguns anos antes dessa explosão muitos movimentos já estavam em andamento.

A primeira Marcha das Vadias¹³, de Porto Alegre, aconteceu em 2011, em conjunto com a Marcha da Liberdade¹⁴ e foi citada por algumas entrevistadas como um importante movimento para que passassem a se inteirar sobre feminismos. Sobre um evento e um grupo criados nas redes sociais, Dell’Aglío (2016, p.19) aponta:

Um grupo de feministas que se conheciam a partir da Rede Relações Livres, sensibilizadas em ver a Marcha das Vadias acontecendo em diferentes países e, naquele momento, também em diferentes estados do Brasil, criaram um evento no *facebook* chamado ‘Marcha das Vadias de Porto Alegre’ e um grupo, nessa mesma rede social, denominado ‘MARCHA DAS VADIAS POA’.

Nesse grupo, além das questões envolvendo a organização da Marcha, eram postados textos, notícias, informações, relatos pessoais e dúvidas relativas às pautas feministas. Algum tempo depois, foi criado um segundo grupo fechado, apenas para integrantes mulheres. A necessidade da criação de um grupo exclusivo para mulheres se deu em função de muitas discussões com homens, tanto por eles, por vezes, tentarem ocupar um protagonismo nas ações, quanto por criticarem algumas postagens das participantes. Além desses, outros grupos e coletivos feministas foram se criando em Porto Alegre, tanto no Facebook quanto fora dele.

O crescimento do interesse pela temática dos feminismos resultou na proliferação de muitos

12 De acordo com Perez e Ricoldi (2023, p. 2) “os feminismos contemporâneos fazem parte de uma quarta onda porque têm adotado, dentre outras características, a mobilização via meios de comunicação digitais, a interseccionalidade e a organização na forma de coletivos”.

13 Marcha das Vadias é um movimento que iniciou em 2011, no Canadá, e passou a acontecer em vários outros países em pouco tempo. É uma forma de protesto contra a crença de que as mulheres que são vítimas de estupro teriam provocado a violência por se comportarem ou se vestirem como vadias. É um ato feminista contemporâneo que “tem como característica ser um movimento autônomo em que a organização não é fixa, sendo que a cada edição diferentes pautas são discutidas” (Dell’Aglío, 2016, p. 10).

14 Marcha que aconteceu em diferentes estados brasileiros pela liberdade de expressão, devido à proibição da Marcha da Maconha em São Paulo.



eventos, rodas de conversa e grupos de estudo feministas dentro e fora das universidades, muitas vezes organizados pelas próprias estudantes e abertos à comunidade. Pelo Facebook também foram organizadas manifestações e atos relativos a leis sobre aborto (Júnior, 2013)¹⁵ e violência doméstica. Além disso, eventos envolvendo política e lazer, a partir de perspectivas feministas, também passaram a acontecer, como o Pedal das Gurias¹⁶, Slam das Minas¹⁷, Ceva das Minas¹⁸, Biquinaço¹⁹, entre outros. Todos tinham em comum a ideia do empoderamento feminino, no sentido de afirmar que mulheres podem tomar as rédeas de suas vidas, fazer escolhas, se envolver com qualquer tipo de atividade, ter diferentes estilos e performances de gênero, e ocupar todos os espaços. Para isso, também havia o enaltecimento de eventos, produtos, artes produzidos por mulheres, de modo a incentivar o apoio entre mulheres, sua independência financeira e autoestima.

Nesse clima de descobrimento dos feminismos, de reconhecimento das próprias opressões enquanto mulher e na tomada de consciência de que não estavam sozinhas passando por várias situações opressoras, muitas mulheres se revoltavam contra os homens e viam neles um inimigo a ser combatido. Nessa época, principalmente entre jovens universitárias de classe média, havia um clima de certa polarização que colocava homens e mulheres em lados opostos e fazia com que algumas mulheres passassem a querer se afastar deles e a buscar por eventos exclusivamente femininos ou em que as protagonistas fossem mulheres. Algumas passaram também a questionar a centralidade dos homens em suas vidas e as suas próprias heterossexualidades.

Muitas das frequentadoras da Lez também frequentavam tanto os rolês de rua quanto grupos feministas e estavam, portanto, por dentro desse clima problematizador e questionador. Entre as entrevistadas, todas referiram a importância que essa época e esses rolês tiveram para sua aproximação da política. Apesar de apenas uma delas relatar ter participado de militância partidária, quase todas afirmaram ter participado de algum coletivo ou grupo de estudos feminista e todas relataram ter frequentado eventos feministas, como rodas de conversa, debates ou manifestações.

Em 2014, a Lez Girls Party já não acontecia mais na boate em que surgiu, porém continuava em um local no mesmo bairro. O público havia enfraquecido e a produção estava desanimada em dar seguimento a ela. Diante disso, as mulheres que continuavam frequentando a festa passaram

15 Notícia do jornal Correio do Povo “Centenas protestam contra Estatuto do Nascituro em Porto Alegre”. Consulte em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/centenas-protestam-contr-estatuto-do-nascituro-em-porto-alegre-1.119831>.

16 Pedal das Gurias: coletivo autogestionado formado por mulheres, pessoas trans e não binárias, que buscam incentivar o empoderamento, a autonomia e a sororidade através da bicicleta. Se encontram em datas previamente divulgadas pelas redes sociais para pedais coletivos pela cidade de Porto Alegre. Pedal das Gurias no Instagram: <https://www.instagram.com/pedaldasgurias/>.

17 Coletivo de mulheres poetas que realiza competições de poesia falada.

18 Ceva das Minas é uma iniciativa que dá visibilidade à representatividade feminina no meio cervejeiro artesanal.

19 Biquinaço foi uma ação que aconteceu em 2013, no Parque da Redenção, com o objetivo de questionar os padrões de beleza. A ação foi organizada através do Facebook e consistia em ficar de biquíni no parque.



a divulgá-la por conta própria, convidando as amigas para que participassem e postando sobre ela em suas redes sociais particulares.

A importância da continuidade da Lez, naquele momento, para aquele público, era manter viva a única festa na cidade voltada para o público sáfico. Com isso, buscavam sinalizar que mulheres lésbicas e bissexuais existiam e queriam festejar, se relacionar e curtir a noite, uma vez que tudo que era visto como LGBTQIAP+ era muito facilmente associado a homens *gays*, inclusive dentro do próprio movimento, como se as relações entre mulheres não existissem ou não tivessem relevância. Dessa forma, o refortalecimento da festa se deu no momento em que ela se encontrou com discursos feministas presentes no meio jovem universitário e passou a ser vista também como um espaço feminista e de resistência lésbica.

Seguindo esse movimento, a edição de novembro de 2014 trouxe um discurso mais feminista em seu *release* e material de divulgação, uma vez que abordava a pressão dos padrões estéticos relacionados aos corpos femininos, principalmente com a chegada do calor e do verão. Uma piscina de plástico foi montada no fumódromo da festa e foi oferecido um desconto no ingresso para aquelas que chegassem vestindo qualquer parte do biquíni. O discurso de aceitação corporal e empoderamento se assemelhava aos discursos presentes em atos políticos de lazer, como o Biquinaço, que aconteceu em um parque importante da cidade, o Parque da Redenção, no ano anterior. Já a edição de dezembro daquele ano contou com o *show* da banda feminista Putinhas Aborteiras, que fazia sucesso na cidade na época se apresentando principalmente nos rolês de rua referentes à ocupação de espaços públicos.

Naquele momento, muitas mulheres estavam questionando sua heterossexualidade, considerando a possibilidade de serem bissexuais ou lésbicas, coisa que antes não acontecia. Independente das identidades assumidas, mulheres estavam se permitindo ter experiências afetivo/sexuais com outras. Nesse sentido, a Lez também passou a ser um espaço visível na cidade, em que elas sabiam que poderiam encontrar outras mulheres interessadas em mulheres, o que fez com que muitas passassem a enxergar o meio LGBTQIAP+ para além dos espaços *gays* onde geralmente circulavam como a “amiga hétero” deles. Conforme o entendimento de Bia, mulher bissexual, de 27 anos, a Lez também foi, portanto, um espaço de experimentação e questionamento, como aparece no diálogo seguinte:

*B – Eu acho que também era um espaço de experimentação, de descobrimento, enfim...
V – Como assim um espaço de experimentação?
B – Acho que muitas mulheres ficavam curiosas em saber como é que era esse espaço e também tipo, um lugar onde tipo ‘meu deus eu vou num lugar onde tem várias lésbicas, vou ver como é que é, vou descobrir um pouco sobre mim mesma’ e também um espaço de... era um espaço muito inclusivo, assim, acho que as mulheres héteros que participavam, geralmente elas iam ou com o objetivo de se descobrir, tipo, de experimentar coisas, ou então elas iam com amigas lésbicas (Bia, mulher bissexual, 27 anos).*



O clima envolvendo a festa era de enaltecimento das mulheridades e de ampliar as possibilidades das formas de ser mulher, no sentido de que ser mulher iria para além de performances de feminilidade rígidas e da atração por homens. Nesse sentido, era importante afirmar que ser lésbica também era ser mulher e que ter performances de gênero consideradas mais masculinas não as fazia menos mulheres. Dessa forma, se buscava chamar a atenção para a inclusão de lésbicas e de suas pautas nos feminismos.

Inicialmente, como já foi mencionado, a Lez não era uma festa exclusiva para mulheres. Isso passou a acontecer depois de algumas reclamações das frequentadoras sobre a presença de homens na festa e de muitos pedidos para que a Lez se tornasse um espaço exclusivo para mulheres. Sobre essa época, Zélia, mulher bissexual, de 36 anos, relembra de uma edição, do final de 2014, no Laika Club, em que ela e as amigas se sentiram incomodadas com a presença dos homens gays dançando em um palquinho que havia ao lado da cabine das DJs:

[...] a gente tava ali dançando e tal e eu olhei e todos os homens da festa estavam em cima do palquinho e eu fiquei muito chocada, eu disse 'gente, não! A festa é das minas, é pras minas, por que que tem homem em cima do palco?'. E aí eu lembro que mobilizei, tipo fui chamando umas minas pra subir lá em cima e expulsar os caras (risos), tipo, não, foi tipo 'saíam daqui', mas tipo, a gente começou a encher aquilo pra que os caras acabassem saindo (Zélia, mulher bissexual, de 36 anos).

O incômodo que Zélia e as amigas sentiram remete à percepção também de outras entrevistadas acerca da facilidade com que homens gays tomam espaços de destaque nas noites consideradas LGBTQIAPN+, como se fossem protagonistas delas. De acordo com Zélia, ali, naquela festa, não deveria ser assim. Comentários nesse sentido começaram a aparecer também nas publicações dos eventos da festa no Facebook.

Entretanto, foi apenas em 2015, após um incidente que gerou maior repercussão, que a Lez mudou seu formato e se tornou exclusiva para mulheres. Na edição de janeiro de 2015, alguns homens *gays* entraram na festa e assediaram algumas mulheres, pedindo “selinhos” e as “elogiando” de forma inoportuna. Além disso, na mesma edição, um desses homens foi ao banheiro feminino, fato que assustou bastante uma das frequentadoras, que já havia passado por uma situação de estupro no passado, e que acabou reagindo à presença desse homem, pois dentro do banheiro se encontrava vulnerável.

A mulher em questão se assustou com a presença masculina no banheiro e pediu para que o homem se retirasse. Ele então afirmou que era *gay* e que ela não precisava se preocupar, fato que a deixou irritada, uma vez que entendia que *gays* também são homens. A postura desse homem foi ao encontro daquela performada pelos outros que estavam na festa pedindo selinhos para as meninas e justificando tais atitudes com o fato de serem *gays*. O fato de eles não terem interesse



em mulheres lhes parecia suficiente para justificar suas atitudes, entretanto, havia a dificuldade em ouvir os desconfortos das mulheres, independente das intenções ou vontades deles próprios.

A situação parece ter mobilizado muitas frequentadoras e a própria organização da festa. Historicamente, são relatados episódios em que a convivência entre *gays* e lésbicas não se dá de forma tranquila, uma vez que muitos homens *gays*, por vezes, apresentam dificuldades em reconhecer seus privilégios enquanto homens e acabam apresentando falas e atitudes misóginas.

A situação das mulheres lésbicas, bissexuais e transexuais no interior de suas vivências no Movimento LGBT também é perpassada por discriminações que partem de homens, muitas vezes brancos e cis, rendendo ao Movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transgêneros) o codinome Movimento GGGG (Gay, Gay, Gay, Gay), como uma crítica às práticas de setores desse movimento social (Lahni; Auad, 2019, p. 7).

Os episódios envolvendo homens *gays* que aconteceram na Lez poderiam ter passado sem notoriedade em outros contextos, porém, na época do ocorrido, em grupos feministas porto alegrensenses, muito se falava sobre sororidade, sobre a união das mulheres na luta contra os machismos do dia a dia, sobre o fato de homens *gays* não estarem isentos de serem machistas e sobre o próprio movimento LGBTQIAP+ ser dominado por homens. Além disso, nessa época, era comum acontecerem “escrachos” nas redes sociais, ou seja, a exposição de homens ou acontecimentos envolvendo atitudes machistas para que essas situações não passassem despercebidas.

Nesse clima, a mulher envolvida na situação do banheiro feminino da festa relatou o ocorrido em um grupo feminista do Facebook. Nesse grupo, estavam muitas frequentadoras da Lez, além de outras mulheres feministas da cidade. A grande maioria dos comentários a essa postagem lamentava e se revoltava com a situação, dava apoio à mulher, referia se incomodar e estar cansada da misoginia vinda de *gays* e afirmava também preferir que a Lez fosse exclusiva para mulheres.

Dessa forma, muitas mulheres passaram a exigir uma posição da produção da Lez no sentido da proibição do acesso dos homens. Desde então, a Lez passou a ser realmente exclusiva para mulheres. Para isso, a partir da edição seguinte, realizada em fevereiro de 2015, o valor de entrada para os homens, no *flyer*, se tornou mais alto. Porém, se tratava de um aumento simbólico, porque, na prática, homens passaram a ser barrados verbalmente na hora da entrada. A proibição apenas não se deu por escrito, pois havia rumores de que seria ilegal proibir a entrada de alguém em uma festa pública por conta de seu gênero.

Com a restrição da entrada de homens na festa, começaram a surgir dificuldades para sua produção. A principal foi que as boates não estavam dispostas a restringir o público masculino, pois esse era seu principal público-alvo. Além disso, muitos donos e/ou gerentes de casas noturnas



– quase sempre homens – não acreditavam que uma festa apenas com público feminino geraria lucro, pois, no entendimento deles, poucas mulheres teriam interesse em uma festa sem homens e mulheres não consumiriam tanta bebida alcoólica em comparação com os homens.

Devido a isso, a partir de setembro de 2015, a festa passou a ocorrer em bares e espaços sem estrutura de festa e não mais em uma boate fixa. Os equipamentos de luz e som não eram tão bons e muitas coisas passaram a ser improvisadas. Esse caráter mais independente – e também mais amador – gerou uma conexão maior entre produção e público da festa. As produtoras explicavam as dificuldades que iam surgindo para o público através das redes sociais. Isso fazia com que as frequentadoras se envolvessem, de certa forma, com as etapas da produção, gerando vontade de contribuir para que a festa acontecesse. Com isso, foi se criando um clima de coletividade e uma rede de troca de ideias e de indicação de serviços prestados por mulheres, que posteriormente culminou no projeto Profissionais Mulheres²⁰, organizado por uma das produtoras da Lez. Todo esse contexto permite a compreensão de que foi se formando uma “comunidade Lez” para além das festas, em que amizades, romances, contatos profissionais e novos projetos puderam acontecer.

Entre as entrevistadas, todas relataram ter gostado do fato de a festa ter se tornado exclusiva para mulheres. Sensação de liberdade e de segurança foram citadas por todas ao se referirem a essa época da festa. Algumas inclusive mencionaram esse como um importante motivo que as fez querer ir na festa mais vezes e convidar outras amigas para que também fossem, como forma de valorizar e incentivar o evento, uma vez que entendiam que seu sucesso dependia da presença das mulheres.

Em 2016, além das festas mensais, a Lez organizou alguns pequenos eventos feministas em parceria com o centro de cultura Aldeia²¹, com o coletivo Pedal das Gurias e com o bar/café Vulp!²², como rodas de conversa, sessões de cinema Lez e oficinas de dança e de manutenção de bicicletas. Também em 2016, houve a expansão da Lez, com algumas edições realizadas na cidade de Florianópolis/SC, e, no mesmo ano, a festa foi convidada para participar do trio elétrico de visibilidade lésbica da 20ª Parada Livre de Porto Alegre. Em 2019, a festa foi parceira da 6ª Jornada Lésbica Feminista Antirracista de Porto Alegre. Tais fatos permitem concluir que a festa

20 Profissionais Mulheres foi um projeto que surgiu a partir da troca de contatos e indicações de mulheres trabalhadoras no grupo do Facebook da festa, visto que muitas das contratantes tinham a intenção de priorizar a contratação de profissionais mulheres como forma de incentivar e apoiar o trabalho feminino, por entender que muitas vezes o mercado de trabalho oferece oportunidades desiguais para as mulheres em relação aos homens. Diante disso, surgiu a Feira Profissionais Mulheres, em que as profissionais puderam expor e divulgar seus trabalhos, realizar oficinas e trocar contatos profissionais. Profissionais Mulheres no Facebook: <https://web.facebook.com/Profissionaismulheres> e no Instagram: <https://www.instagram.com/profissionaismulheres/>.

21 Aldeia: espaço multicultural, gerenciado por mulheres, que abrigou projetos de arte, comunicação, entretenimento e serviços entre os anos de 2014 e 2018. Aldeia no Instagram: <https://www.instagram.com/aldeia252/>.

22 Vulp! foi um bar/café gerenciado por mulheres, inspirado na cultura urbana da bicicleta, misturando espaço de convivência e alimentação, sendo um ambiente aberto a atividades culturais relacionadas à mobilidade urbana e temas relacionados. Existiu entre 2013 e 2017. Vulp! no Instagram: <https://www.instagram.com/vulpbiciemipoa/>.



creceu e contribuiu com articulações de militâncias lésbicas e feministas.

Apesar do clima de alegria com o crescimento da festa e com expansão da visibilidade lésbica que ela promovia, nem tudo estava “às mil maravilhas”. O fato de a festa ter se tornado exclusiva para mulheres gerava descontentamento em uma parcela de pessoas que acreditava que segregar não era a melhor solução. Alguns questionamentos a respeito de quem seriam as sujeitas consideradas “mulheres” começaram a ser feitos.

A partir de 2017, a festa novamente deixou de acontecer mensalmente no formato de festa, principalmente pela dificuldade de encontrar espaços adequados para sua realização, passando a acontecer mais como *happy hour/soft party*, iniciando e encerrando mais cedo. Além disso, a partir dessa época, o fato de algumas frequentadoras não se identificarem mais como mulheres também contribuiu para a diminuição de público, uma vez que o clima de “rolê das minas” perdeu força e novas reflexões passaram a ser feitas.

5 Quem pode entrar nessa festa?

Ao se tornar uma festa exclusiva para mulheres, além das dificuldades envolvendo a organização, passaram a surgir nas redes sociais alguns questionamentos sobre quem seriam as pessoas consideradas mulheres que poderiam acessá-la. Esses debates foram se desdobrando e trazendo à tona muitas questões sobre expressão da sexualidade e do gênero existentes no meio lésbico.

Segundo Silva (2020), algumas de suas interlocutoras se entenderam primeiro bissexuais para só depois se entenderem lésbicas, tanto por não conseguirem visualizar a lesbianidade como uma possibilidade real, devido à falta de referências, quanto por terem dificuldades na autoaceitação.

A saída do armário está inserida, necessariamente, em um processo de se entender como homossexual – dado que ser heterossexual é um pressuposto compartilhado socialmente. Nesse sentido, produzir essa identidade é um processo que se dá a partir da identificação e da noção de existência de outras mulheres cuja sexualidade é dissidente (Silva, 2020, p. 53).

Entre as entrevistadas para a pesquisa que originou este artigo, também apareceram relatos envolvendo dúvidas e angústias em relação à adoção das identidades lésbica e bissexual. Para algumas delas, o fato de perceberem que se sentiam atraídas por mulheres não fez com que se entendessem lésbicas em um primeiro momento, havendo muitas dúvidas sobre sentirem ou não atração por homens e, por vezes, até se forçarem a se relacionarem afetiva e sexualmente com eles. Uma das entrevistadas referiu já ter tido muitas dúvidas sobre seu interesse em homens ser ou não fruto de “heterossexualidade compulsória”. Esse conceito referido por ela foi cunhado no início



dos anos 80 pela feminista Adrienne Rich (2012) e versa sobre a ideia de que a heterossexualidade existe enquanto uma instituição política normativa. Para mulheres lésbicas e bissexuais, resulta na dificuldade em identificar a possibilidade de não se relacionarem com homens. Conforme Rich (2012), um dos mecanismos da heterossexualidade compulsória seria justamente invisibilizar a possibilidade de que mulheres pensem suas vidas sem a união com um homem.

Nesse sentido, naquela época da festa, existiam dúvidas, debates e reflexões a respeito do tipo de relação que se tinha ou que se queria ter com homens e, diante disso, se buscava algum tipo de identificação com as lesbianidades ou com as bissexualidades. Toledo e Teixeira Filho (2010) afirmam que orientação sexual corresponde ao desejo/atração sexual enquanto a adoção de uma identidade sexual estaria para além disso, incluindo questões mais subjetivas.

Deste modo, uma pessoa de orientação sexual bissexual, por exemplo, mesmo desejando homens e mulheres afetiva e sexualmente, pode assumir uma identidade tanto na lesbianidade (sentir-se lésbica) quanto na bissexualidade (sentir-se bissexual) ou heterossexualidade (sentir-se heterossexual). Apenas sentir atração/desejo pelo mesmo sexo ou ter relações/práticas sexuais com pessoas do mesmo sexo não define a subjetividade. É necessário sentir-se subjetivamente nesse 'lugar' (Toledo; Teixeira Filho, 2010, p. 740).

Entretanto, especificar se uma sujeita é lésbica ou bissexual, se se relaciona ou não com homens, deixa de ser tão relevante se as fronteiras entre o que é ser homem e o que é ser mulher deixam de ser tão rígidas e se ambas as identidades forem tomadas como fazendo parte de grupos que divergem da norma heterossexual. O crescimento da presença de pessoas trans nos rolês de rua e dos debates sobre transexualidades na mídia e na internet fez com que frequentadoras e produtoras da Lez fossem convocadas a ampliar o pensamento e a refletir sobre outras perspectivas, que até então não estavam em questão nos meios em que circulavam.

Com a passagem do tempo, observam-se modificações nos modos de abordar o gênero e a sexualidade, assim como nas formas de se identificar. Novos conceitos emergem e alguns passam a significar outras coisas. “As fronteiras ficcionais, criadas social, política e culturalmente, que marcam a diferença entre as diversas identificações de gênero possíveis, são constantemente desafiadas, apresentando rearranjos e até mesmo borramentos de seus limites” (Repolês, 2017, p. 71).

Na época em que a Lez se tornou exclusiva para mulheres, em 2015, começaram a surgir questionamentos a respeito da presença de pessoas trans na festa. Produtora relata que, antes do ocorrido no banheiro da festa, não via a necessidade de proibir completamente a entrada de homens, principalmente *gays*, e que foi uma surpresa para ela a grande quantidade de mulheres que gostaria que isso acontecesse. Até então, ela também não havia refletido sobre as pessoas trans



no contexto da festa.

Entretanto, assim como a mulher envolvida na treta do banheiro publicou a sua versão em um grupo feminista da cidade e foi acolhida por muitas mulheres, o homem envolvido publicou sua versão de modo público em suas redes sociais e foi acolhido por muitas pessoas, fato que acabou fazendo com que a festa se tornasse conhecida por pessoas da comunidade LGBTQIAPN+ que não sabiam de sua existência até então. Conforme Produtora: “[...] *o cara tipo expôs isso em redes sociais, então, muito homem gay e muita gente da cena queer de Porto Alegre tomou consciência da existência da Lez, porque essas pessoas talvez nem soubessem direito antes, sabe? E aí começou a vir mais a questão trans*”.

As entrevistadas afirmaram, assim, que foi através dos debates que foram surgindo nas redes sociais da festa que, pela primeira vez, puderam refletir sobre questões envolvendo as transexualidades e questionar a própria cisgeneridade. De acordo com Josyara, mulher bissexual, de 28 anos:

[...] ali estava toda uma problemática de gênero, né? Que eu realmente não estava me deparando assim, acho que como as próprias organizadoras da festa também não estavam, né, se deparando com essas questões que foram muito suscitadas assim e rolou um sacode, né? ‘Oi, vocês não estão refletindo o suficiente sobre isso aqui, vamos refletir’. E... foram vários comentários, foi um super debate assim, e eu lembro de ficar acompanhando e refletindo muito assim... Acho que depois, muito das leituras que eu fiz, né, na faculdade em relação a gênero, foram também um pouco balizadas por aquele debate... não aquele específico, mas por esses debates que eu vinha acompanhando nas redes e que a Lez teve uma parte importante também, né?

Josyara também menciona que, para além da reflexão individual, os debates ocorridos nas redes sociais da Lez viravam assunto entre grupos de amigas.

A gente conversava sobre esses debates, num primeiro momento meio chocadas, tipo ‘ohh, tu viu o que aconteceu?’ (risos)... depois acho que num nível de profundidade de compreensão assim, né, do que era aquele debate, do que que estava sendo dito, o que estava sendo trazido e da importância realmente da gente ter essa reflexão coletivamente enquanto grupo de mulheres e justamente não apenas mulheres cis, trans, caras trans, pessoas não binárias que estavam participando desse espaço e... enfim, o que que é essa classificação, né... tu está, não é mais então uma festa pra mulheres... exclusivamente de mulheres, né? Como que a gente define então? E bah, quem está estudando comunicação, como eu estava naquele momento, foi super reflexivo assim também... de ‘tá, mas então como é que a gente chama?’. Acho que foi um pouco também do processo que as organizadoras tiveram, né?

As travestis foram as primeiras a reivindicarem o direito às modificações corporais e à visibilidade trans no Brasil, ainda na década de 90. Também nessa década, fundaram as primeiras organizações não governamentais “que tinham como missão a afirmação da importância da garantia de seu direito à vida, com foco no combate à violência policial praticada em locais de prostituição e garantia do tratamento adequado para o HIV/aids” (Pereira; Gaudenzi; Bonan, 2021, p. 8). Dessa forma, travestis e mulheres trans eram mais visíveis do que homens trans e pessoas



transmasculinas.

De acordo com Ávila (2014), antes de 2010, os movimentos sociais de ativismo de travestis e transexuais no Brasil eram marcadamente femininos, embora já houvesse nos movimentos sociais a presença de homens trans que lutavam pelo direito aos seus corpos masculinos desde a década de 1970, como João Nery e Raicarlo Coelho (Pereira; Gaudenzi; Bonan, 2021, p. 8).

Conforme Cardoso (2022), por mais que os estudos das masculinidades tenham ganhado força nos anos 70, somente nas últimas décadas as transmasculinidades foram neles incluídas, sendo, portanto, recentes. Pereira, Gaudenzi e Bonan (2021) referem que a publicação mais antiga encontrada em sua pesquisa sobre publicações acerca das transmasculinidades foi um artigo de Guilherme Almeida, de 2012. Cardoso (2022, p. 12) conceitua transmasculinidades como “um espectro que engloba múltiplas identidades, como homens trans, transmasculines, boycetas, transhomens”.

Para Produtora, as discussões a respeito da entrada das mulheres trans na Lez Girls Party não chegou a ser algo polêmico, pois estas, sendo mulheres, sempre foram entendidas como parte do público-alvo da festa, a qual sempre se manifestou a favor de sua entrada. Já a entrada de homens trans dividiu opiniões entre as frequentadoras. Na dúvida sobre o que seria correto fazer, Produtora entrou em contato com um homem trans que conhecia e conversou com ele sobre a situação. Através desse contato e da solicitação dela, o Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (Ibrat) enviou uma nota de posicionamento²³ sobre a entrada de homens trans na festa. Nessa nota, era referido, entre outras questões, que homens trans são homens, não fazendo, portanto, parte do público-alvo de uma festa voltada para mulheres.

A partir disso, a posição da produção seguiu essa linha de pensamento de que, assim como mulheres trans são mulheres, homens trans são homens e, diante disso, não faziam parte do público alvo da Lez. Ainda que se estivesse falando sobre pessoas trans, era um entendimento bastante cisnormativo e binário de gênero que predominava e ainda não se falava em não binariedades no contexto da festa naquela época.

Conforme o tempo foi passando, ocorreu um aumento da visibilidade das transmasculinidades na internet, no meio LGBTQIAPN+ e na sociedade de forma geral. Paralelamente, muitas pessoas que frequentavam a festa, que até então se identificavam como mulheres lésbicas ou bissexuais, passaram a questionar também seu gênero. Dessa forma, por conta das mudanças no público da Lez, que começou a contar com mais homens trans e pessoas não binárias, em 2019, a festa deixou

²³ A nota de posicionamento do Ibrat a respeito da participação de homens trans na festa Lez Girls pode ser encontrada no Facebook: <https://web.facebook.com/lezfesta/photos/pcb.929865160472998/929864213806426>.



de ser exclusiva para mulheres e passou a se apresentar no Instagram como uma festa “livre de homens cis”, tendo mudado também seu nome de Lez Girls Party para apenas Lez Party.

Repolês (2017) e Azevedo (2023) relatam a existência de tensões a respeito da presença de homens trans e pessoas transmasculinas em espaços feministas e, principalmente, em espaços lésbicos. De acordo com Repolês (2017), essa exclusão contribui para processos de solidão dessas pessoas, que acabam perdendo vínculos e espaços de troca e interação social que possuíam quando se identificavam como lésbicas ou sapatões.

As aproximações e distanciamentos entre as experiências lésbica, sapatão e transmasculina são geralmente cercadas de tensões, muitas vezes marcadas pela necessidade de se marcar as diferenças, justamente por habitarem lugares muito próximos, e muitas vezes circular entre esses lugares em diferentes momentos ou mesmo simultaneamente. [...] As fronteiras entre essas formas de identificação são bem menos delimitadas do que muitas vezes aparentam ser em muitas narrativas e discursos. Para algumas pessoas, é importante marcar essas diferenças, enquanto outros não o desejamos ou mesmo não conseguimos separar essas dimensões, e acreditamos estar habitando os entre lugares [...] (Repolês, 2017, p. 72).

Em muitos estudos, é mencionado que homens trans se identificaram como lésbicas em algum momento da vida, ainda que essa não seja uma regra (Cardoso, 2022; Pereira; Gaudenzi; Bonan, 2021; Repolês, 2017). Repolês (2017) aponta para o caráter geracional dessa questão, uma vez que, nos últimos anos, pessoas mais jovens têm tido mais acesso a referências transmasculinas, podendo se identificar mais rapidamente dessa forma, o que não era uma realidade para as pessoas mais velhas. Para muitas dessas últimas, a lesbianidade e/ou a sapatonicidade eram as formas disponíveis na época para alguma identificação. Outras autoras, contudo, como referem Pereira, Gaudenzi e Bonan (2021), buscam combater a ligação entre lesbianidades e transmasculinidades, apontando ambas como expressões de sexo-gênero diferentes e independentes, enfatizando que lesbianidade é pensada a partir da orientação sexual enquanto as transmasculinidades “se situam no terreno da identidade sexual e não da orientação sexual” (Pereira; Gaudenzi; Bonan, 2021, p. 8).

Já a categoria sapatão pode ser compreendida “como uma outra categoria de identificação de gênero diferente de mulher cisgênero, portanto, dissidente com relação a cisnormatividade” (Repolês, 2017, p. 75).

Para algumas pessoas que se identificam como sapatão, a experiência relacionada a essa categoria diz somente a uma questão de sexualidade. Mas para outras, está associada à potência de se construir um outro corpo, de explorar outros lugares de gênero, outro modo de estar no mundo, que possivelmente afeta todas as dimensões de nossas relações sociais. Há quem compreenda que existem diferenças entre a lesbianidade, que estaria mais associada à mulheridade e à experiência de sexualidade entre mulheres, ou seja, a uma identificação como mulher lésbica, que se relaciona sexo-afetivamente com outras mulheres lésbicas ou bissexuais, enquanto a sapatonicidade representaria, em potencial, uma ruptura nesse auto reconhecimento enquanto mulher ou, ao menos, com as feminilidades mais próximas ao padrão cisnormativo – o que aproximaria essa experiência de questões ligadas ao âmbito da identificação de gênero, algo além da sexualidade (Repolês, 2017, p. 79-80).



No contexto da festa Lez Girls, lésbicas e sapatões eram vistas como identidades equivalentes e eram entendidas como mulheres interessadas apenas em mulheres, diferentemente das bissexuais, interessadas em mulheres e homens. Dessa forma, quando uma lésbica se relacionava com um homem trans ou com uma pessoa não binária havia uma confusão sobre como deveria se identificar.

Azevedo (2023, p. 1) reflete sobre a emergência do termo “sapatão-não-binária” – e também seus equivalentes “sapatrans-não-binária” ou apenas “não-binária”. Conforme o autor, se trataria de “um corpo de fronteira, um corpo que não está lá-nem-cá, um corpo que está lá & cá”, havendo, dessa forma, uma possibilidade de escapar dos gêneros binários feminino/masculino, desafiando inclusive identidades trans, que “por vezes enrijecem as possibilidades de vivenciarmos nossos corpos de forma livre e criativa dentro das narrativas de transição e das fórmulas do antes e depois” (Azevedo, 2023, p. 3).

No Brasil temos a figura da ‘sapatão’, ou ‘mulher-macho’, que faz parte de um imaginário social popular. A sapatão é percebida no nosso território cultural como a lésbica que possui uma expressão de gênero que passeia por entre os gêneros e que desafia os comportamentos cisheteronormativos próprios das mulheres no mundo patriarcal (Azevedo, 2023, p. 1).

As expressões de gênero não são necessariamente indicativas de uma orientação sexual ou identidade de gênero. Essas três coisas podem ser vividas de formas diferentes por diferentes pessoas, dependendo da subjetividade de cada uma. Dessa forma, ter uma expressão de gênero considerada mais masculina não é algo exclusivo de lésbicas ou pessoas transmasculinas.

Em 2020, a Lez criou apenas um evento no Facebook, de uma edição chamada Equinox, que aconteceria em março daquele ano, marcando o fim do verão e o início do outono. Essa edição acabou não acontecendo por causa do início da pandemia de covid-19. Houve a tentativa da realização de uma festa *on-line*, em meados de 2020, entretanto, não havia clima para isso, e a festa foi cancelada.

A Lez acabou encerrando suas atividades antes que pudesse realizar uma edição comemorativa de dez anos, que aconteceria em maio de 2020, e sem a possibilidade de uma edição de despedida. Tal fato deixou no ar, por algum tempo, a esperança de um retorno. Mesmo que isso não aconteça, a Lez marcou uma geração de pessoas na cidade de Porto Alegre que tiveram a possibilidade de se reconhecerem e vivenciar sociabilidades lésbicas e bissexuais, assim como disputar seus significados. A cidade, atualmente atravessada por outras formas de festar e de se comunicar virtualmente, agora conta com outras festas voltadas a esse público.

6 Considerações finais

Esse artigo buscou trazer alguns dos debates engendrados a partir dos arranjos de uma festa



voltada para mulheres interessadas em mulheres, em uma capital da Região Sul do Brasil, a Lez Girls Party. Apesar da festa já ter encerrado suas atividades, as questões com as quais se entrelaçou seguem existindo e se modificando.

A partir da análise de postagens em redes sociais e da escuta de frequentadoras da festa, foi possível perceber que ela as mobilizou e as aproximou de diversas reflexões ao longo dos anos, produzindo interseções entre experiências individuais e políticas locais e nacionais. Enquanto manifestação urbana, em diálogo com os feminismos e as demandas por reconhecimento das sexualidades dissidentes, a Lez Girls Party é efeito das políticas feitas por mulheres. A festa pode também ser entendida como agente de produção de subjetividades, uma vez que fez com que suas frequentadoras se vissem diante de situações que proporcionaram reflexões e mudanças acerca de si mesmas e das formas que se relacionavam, que iam para além da festa. Também foi possível analisar o impacto da união entre festas e ativismos, que produziram um estilo politizado de ser e de festejar entre uma parcela da juventude brasileira dos anos 2010.

Mais do que apenas um local de diversão, a Lez foi um espaço que contribuiu para a visibilidade lésbica na cidade. A implicação em seu sucesso, por parte de produtoras, trabalhadoras e frequentadoras, se deu principalmente pelo fato de que, através dela, foi encontrado um jeito potente para falar sobre lesbianidades, sem que individualmente fosse preciso se expor. Foi um jeito criativo encontrado para que, coletivamente, se fizesse com que uma parte da cidade olhasse para as lesbianidades. Além disso, serviu como uma referência lésbica em Porto Alegre, acolhendo uma geração de meninas e mulheres lésbicas/bissexuais que, muitas vezes, se sentiam isoladas, deslocadas e solitárias e que, com a festa, puderam conhecer e criar laços afetivos com outras mulheres interessadas em mulheres.

Conforme foi se formando um clima de “comunidade Lez” entre suas frequentadoras, onde se buscava festejar entre iguais, também foi possível que emergissem inúmeras diferenças entre as pessoas envolvidas, sendo possível concluir que essa se trata de uma comunidade heterogênea, composta por pessoas que são atravessadas por diferentes recortes de raça, classe, estética, performances de gênero, entre outros marcadores. Sendo assim, as formas como essas pessoas se identificavam, como circulavam e produziam engajamentos com a festa também não foi única.

Inicialmente, um dos principais motivos que influenciou a necessidade da criação da Lez, foi o incômodo de mulheres lésbicas e bissexuais com o comportamento de homens cis heterossexuais em relação a elas, em muitas festas que frequentavam. Esses homens se sentiam livres para assediá-las ou xingá-las e ameaçá-las diante da recusa de suas abordagens de flerte. Com o passar do



tempo, incômodos referentes a outras masculinidades foram aparecendo na festa, como os embates com homens cis *gays*, que muitas vezes tiveram dificuldades em reconhecer seus privilégios e atitudes misóginas e lesbofóbicas. Por fim, o embate em torno das transmasculinidades escancarou a dificuldade de as próprias lésbicas lidarem com o fato de que nem todas as pessoas lésbicas se identificam como mulheres, o que foi indicado como uma novidade por algumas entrevistadas. Além disso, as masculinidades encarnadas em corpos de mulheres cisgêneras também aparecem como geradoras de tensão, uma vez que deixam evidente que não se tratam de atributos exclusivos dos homens, além de revelarem, por vezes, outros atravessamentos, como as desigualdades de classe e aquelas relacionadas aos distintos modos de ser e de se apresentar como mulher. Dessa forma, é possível perceber que muitas das tensões ocorridas na Lez, de certo modo, envolveram as masculinidades: ao barrar homens na entrada da festa, no embate com certas masculinidades de homens *gays* cis, no debate sobre transmasculinidades e também no desconforto com mulheres que não encarnam uma certa norma de feminilidade em suas performatividades de gênero.

Os debates envolvendo questões identitárias no meio lésbico são complexos, polêmicos e demandam mais investimento e interesse acadêmico. Entretanto, alguns tópicos que surgiram no contexto da Lez Girls Party puderam ser analisados, e, a partir do presente relato, foi possível construir este registro de que mulheres lésbicas existiram, festaram, debateram e celebraram sua existência em Porto Alegre, durante uma década (2010-2020).

Referências

AZEVEDO, Dri. A emergência do termo “sapatão não-binário” como disputa discursiva no Brasil contemporâneo. *Revista Z Cultural: Programa Avançado de Cultura Contemporânea*, ano xviii, n. 01, 1. sem. 2023. Disponível em: <http://revistazcultural.pacc.ufrj.br/a-emergencia-do-termo-sapatao-nao-binario-como-disputa-discursiva-no-brasil-contemporaneo/>. Acesso em: 02 dez. 2023.

AZEVEDO, Dri. Corpo-atritável ou uma nova epistemologia do sexo. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque de (org.). *Pensamento feminista hoje: sexualidades no sul global*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020. p. 273-282.

BERNARDO, Gabriel Vargas. *Trabalho de pista: a micropolítica das cidades nas festas de rua*. Orientador: Luís Artur Costa. 2021. 137 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2021.

BOGADO, Maria. Rua. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Explosão Feminista: Arte, cultura, política e diversidade*. Companhia das Letras, 2ª edição, São Paulo, 2019. p. 23-42.



CAMPOS, Marcello. A história da Flower's, a primeira boate gay de Porto Alegre. *Jornal do Comércio*, Porto Alegre, 26 maio 2022. Disponível em: https://www.jornaldocomercio.com/_conteudo/especiais/reportagem_cultural/2022/05/848521-a-historia-da-flowers-primeira-boate-gay-de-porto-alegre.html. Acesso em: 02 dez. 2023.

CARDOSO, Thomas Victor Barreto. *Construção das transmasculinidades: memórias e narrativas*. Orientadora: Kellen Christina Leite. 2022. 104 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Condição Humana) – Centro de Ciências Humanas e Biológicas, Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2022.

CONEGATTI, Daniela; FELIPE, Jane. O que podem duas vulvas? Sexo feminino, gênero lésbico. *Revista Periodicus*, Salvador, v. 1, n. 7, p. 215-235, 2017.

DALPIAN, Paulo Roberto Chaves; SILVEIRA, Teniza. Locais de mercado, diversidade e exclusão interseccional. *Cadernos EBAPE*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, p. 377-390, abr./jun. 2020.

DE CUNTO, Julia; BOGADO, Maria. Na música. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Explosão Feminista: Arte, cultura, política e diversidade*. 2. ed. Companhia das Letras: São Paulo, 2019. p. 179-204.

DELL'AGLIO, Daniela Dalbosco. *Marcha das Vadias: Entre tensões, dissidências e rupturas nos feminismos contemporâneos*. Orientadora: Paula Sandrine Machado. 2016. 139 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social e Institucional) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.

FACCHINI, Regina. *Entre umas e outras: Mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo*. Orientadora: Maria Filomena Gregori. 2008. 323 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

FRANÇA, Isadora Lins. Sobre “guetos” e “rótulos”: tensões no mercado GLS na cidade de São Paulo. *Cadernos Pagu*, n. 28, p. 227-255, jan./jun. 2007.

HECK, Marcelo Arioli. *Espaço público e as manifestações urbanas: o caso de Porto Alegre: cartografias e discursos*. Orientador: Eber Pires Marzulo. 2015. 352 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional) – Faculdade de Arquitetura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

JÚNIOR, Danton. Centenas protestam contra Estatuto do Nascituro em Porto Alegre: Grupo realizou caminhada no Parque da Redenção. *Correio do Povo*. Rio Grande do Sul, 15 jun. 2013. Disponível em: <https://www.correiodopovo.com.br/not%C3%ADcias/geral/centenas-protestam-contra-estatuto-do-nascituro-em-porto-alegre-1.119831>. Acesso em: 11 out. 2023.

LACOMBE, Andrea. *Ler[se] nas entrelinhas: Sociabilidades e subjetividades entendidas, lésbicas e afins*. Orientadora: Adriana de Resende Barreto Vianna. 2010. 192 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.



LAHNI, Cláudia Regina; AUAD, Daniela. Não é mole, não, ser feminista, professora e sapatão: apontamentos de uma história a partir do espaço das lésbicas e da lesbianidade na produção de conhecimento sobre mídia. *Anos 90.*, Porto Alegre, v. 26, p. 01-18, e2019301, 2019.

MEINERZ, Nádia Elisa. Entre mulheres: A constituição de parcerias sexuais e afetivas femininas. *Revista Latitude*, Maceió, v. 2, n 1, p. 124-146, 2008.

MEINERZ, Nádia Elisa. *Entre mulheres*: estudo etnográfico sobre a constituição da parceria homoerótica feminina em segmentos médios na cidade de Porto Alegre-RS. Orientadora: Daniela Riva Knauth. 2005. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2005.

MELLO, Fernanda de Carvalho Azevedo. Uma reflexão sobre a ausência de lésbicas e mulheres bissexuais em festas LGBTIAQ+ na cidade de Recife. In: ESTUDOS sobre gênero. Minas Gerais: Editora Poisson, 2020. p. 80-88. DOI: 10.36229/978-65-86127-26-3.CAP.09. Disponível em: <http://fabioperiandro.adv.br/wp-content/uploads/2020/10/2020-Artigo-em-Coletanea-ESTUDOS-SOBRE-GENERO-Ed.-Poisson-Com-Iarlis.pdf>. Acesso em: 14 abr. 2024.

NOGUEIRA, Nádia. *Lota Macedo Soares e Elizabeth Bishop*: Amores e desencontros no Rio dos anos 1950-1960. Orientadora: Margareth Rago. 2005. 314 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

PEREIRA, Pamella Liz Nunes; GAUDENZI, Paula; BONAN, Cláudia. Masculinidades trans em debate: uma revisão da literatura sobre masculinidade trans no Brasil. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 01-15, e190799, 2021.

PEREZ, Olívia Cristina; RICOLDI, Arlene Martinez. A quarta onda feminista no Brasil. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 31, n. 3, p. 01-13, e83260, 2023.

REPOLÊS, Sofia Gonçalves. *Recalculando rotas*: uma etnografia sobre trânsitos de corpos, afetos e sexualidades em vivências transmasculinas. Orientadora: Érica Renata de Souza. 2017. 200 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2017.

RICH, A. Heterossexualidade compulsória e existência lésbica. *Bagoas - Estudos gays*: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, p. 17-44, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2309>. Acesso em: 14 abr. 2024.

ROCHA, Izabela Assis; SOUZA, Tatiana Machiavelli do Carmo; FRANCO, Mariana Neves. Investigando as violências sofridas por mulheres lésbicas universitárias. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 39-57, 2021.

SILVA, Camila Farias. *Dinâmicas da ação coletiva*: as inovações nos



repertórios de contestação nos eventos Defesa Pública da Alegria e Largo Vivo. Orientador: Marcelo Kunrath Silva. 2013. 44 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SILVA, Fernanda Nascimento. *Sapatões e mídia: produções de identidade a partir de práticas de recepção*. Orientadora: Joana Maria Pedro. 2020. 261 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2020.

SOUZA, Luiz Henrique Braúna Lopes de Souza. *Festa no Gueto? Memórias e discursos em torno do “Mercado GLS” em Recife-PE*. Orientador: Benedito Medrado. 2016. 136 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2016.

TOLEDO, Livia Gonsalves. TEIXEIRA FILHO, Fernanda Silva. Lesbianidades e as referências legitimadoras da sexualidade. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, ano 10, n. 3, p. 729-749, 2010.

